

O PAPEL DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS DO MUNDO

Bruna Oliveira da Silva¹
Roberta Kolling Escalante²

INTRODUÇÃO

“Pra que aprender espanhol”? “Não vou usar isso”; “Prefiro inglês!”; “Não se aprende língua estrangeira na escola!”. Estas são algumas das frases escutadas comumente por estagiários e professores na Educação Básica, por esse motivo o questionamento: qual o papel da língua estrangeira na formação humana? A discussão apresentada neste trabalho é oriunda das problematizações realizadas em estágio de língua espanhola, numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública estadual na cidade de Cerro Largo/RS, tendo como objetivo refletir sobre como a língua estrangeira, no currículo escolar, pode ser ensinada e aprendida a partir da educação para a cidadania global.

Como aporte teórico, ancora-se na Teoria das Capacidades (*Capabilities Approach*), postulada pela filósofa norte-americana Martha Nussbaum, a fim de defender que a educação, para além de objetivos econômicos e para a qualificação ao mercado de trabalho, na produção de bens e de riqueza, permite, através da humanidade, desenvolver características e capacidades como a “inteligência, as habilidades artísticas, emocionais, o pensamento crítico, assim como os valores éticos e políticos, como a capacidade de empatia, os sentimentos morais, a autonomia, cidadania etc.” (OLIVEIRA, 2020, p.214).

No que tange o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira, estes são vistos, normalmente, dentro de uma perspectiva pragmática, particularmente, no desenvolvimento de habilidades comunicativas como meio de acesso à sociedade da informação e das tecnologias, como instrumento de ingresso no mundo acadêmico, do trabalho e dos negócios. Por outro lado, inserida numa perspectiva educacional de formação cidadã, a língua estrangeira ultrapassa o conceito de competência apenas no uso de um idioma para a compreensão de outras culturas e formas de interpretar e agir no mundo pelo aluno, uma vez que:

A aprendizagem de Língua Estrangeira no ensino fundamental não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. (BRASIL, p. 38, 1998).

Quanto à língua estrangeira, Nussbaum afirma que, no aprendizado para a cidadania global esse é um conhecimento bastante subestimado, indicando que todos

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol – 8ª Fase/2/2023. Universidade Federal da Fronteira Sul. bruna-oliveira07@outlook.com

² Doutoranda em Educação na Universidade de Passo Fundo. Orientadora. Prof.^a do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul. roberta.escalante@uffs.edu.br

os alunos deveriam aprender, pelo menos, uma língua estrangeira bem, já que por meio dela é possível perceber como outro grupo de seres humanos faz um recorte diferente do mundo e como toda tradução significa uma interpretação imperfeita, mostrando ao jovem um exercício de humildade cultural, não importando se o idioma aprendido pertença a uma cultura relativamente conhecida, pois a compreensão da diferença que uma língua estrangeira transmite é insubstituível.

1 METODOLOGIA

A metodologia é qualitativa, a partir de uma análise teórico-prática com base no planejamento e nos materiais didáticos desenvolvidos com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, na realização de estágio supervisionado em língua espanhola, no segundo semestre de 2022.

A concepção teórico-metodológica adotada no estágio para o ensino de língua espanhola, denomina-se *Atividades Sociais* o que “implica estruturar a matriz curricular a partir de esferas em que os sujeitos circulam e dos anseios de participação social que têm” (LIBERALI, 2012, p.23), tais como fazer compras, assistir a filmes, pesquisar na Internet, estudar, ler jornal, conhecer novas pessoas, participar de chat, entre outras.

As aulas tinham como ponto de partida os temas transversais, que têm um foco claro em questões de interesse social e que envolvem a análise comparativa de como assuntos particulares são tratados no Brasil e nos países onde as línguas estrangeiras são faladas como língua materna e/ou língua oficial em tópicos como “o respeito à ética nas relações cotidianas; o respeito aos direitos humanos (aqui incluídos os culturais e os linguísticos); a mudança no papel que a mulher desempenha na sociedade” (BRASIL, 1998, p. 44).

Cabe ressaltar que os materiais didáticos planejados traziam o uso de textos autênticos, entendidos por Andrade e Silva (2016) como textos originais, não alterados ou fabricados para fins didáticos. Sugere-se, então, que o texto autêntico se opõe a ideia de criado e não-real, o que permite aos aprendizes o contato e atuação em situações concretas de comunicação com a língua estrangeira. No caso de adaptação, os textos mantinham as marcas de reconhecimento do texto original, no intuito de preservar o critério de autenticidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nussbaum (2015) salienta que vivemos numa interdependência global, na qual influenciados, de alguma forma, cotidianamente a vida de povos distantes, daí a relevância das escolas e das universidades no desenvolvimento da capacidade de fazer que os sujeitos se percebam como membros de uma nação e de um mundo heterogêneo, na necessidade de conhecer sobre a história e a natureza dos diversos grupos. Além disso, ela ressalta que a tarefa de ensinar a ser um cidadão global é imensa, uma vez que exige informações de conhecimentos factuais, de respeito a diversos subgrupos que fazem parte do seu próprio país e de povos com tradições diferentes das suas, logo, parece ser mais fácil nos apegarmos ao casulo da nossa própria cultura, do nosso próprio país. A autora ainda reforça que esses conhecimentos não são garantias de mudanças de comportamento, contudo, a abertura para que os estudantes aprendam desde cedo a enxergarem como a história é construída a partir de diversos tipos de fontes e de provas e a aprender a avaliar uma narrativa histórica comparando-a com outra é o começo do combate a

estereótipos culturais, posto que toda a história mundial e suas diferentes culturas foram retratadas através de lentes distorcidas.

Criticar o que foi aprendido também faz parte da discussão em sala de aula; quando se estudam a história e a economia de uma cultura, devem-se fazer perguntas acerca das diferenças de poder e de oportunidade, do lugar das mulheres e das minorias e dos méritos e desvantagens das diferentes estruturas de organização política cultural. Por conseguinte, a habilidade crítica é um elemento fundamental nas propostas educacionais, havendo a necessidade de compreender duas concepções de *ser crítico*. A primeira, frequentemente associada à escolaridade, situa a crítica a níveis altos de estudos e, a segunda, se remete “à capacidade de percepção crítica que cidadãos têm sobre a sociedade em que vivem” (MONTE MÓR, 2013, p.33). E em relação à criticidade na aula de língua estrangeira:

O desenvolvimento dessa habilidade se dá num processo expansivo e de mão-dupla, voltado para a sociedade de agora. Traduz-se no desenvolvimento de habilidades de percepção social, de construção de sentidos, do reconhecimento de outras formas de construção de conhecimento (diferentes das tradicionais e legitimadas), de promoção de agência e de cidadania ativa, dentre outras habilidades que despontam e se fazem conhecidas (MONTE MÓR, 2013, p.45).

Nesse sentido, ao estudarmos sobre outros países, devemos estimular a curiosidade sobre os diversos grupos que compõem nosso próprio país, suas diferentes histórias e diferentes oportunidades de vida, daí o significado da educação multicultural para viver numa democracia pluralista, a fim de familiarizar os alunos com alguns fundamentos básicos sobre as histórias e culturas dos inúmeros grupos com os quais compartilham leis e instituições. Consequentemente, o ensino voltado para a formação de cidadãos do mundo deve fazer parte da cota básica de ciências humanas do currículo, visto que os alunos precisam desenvolver suas capacidades como cidadãos do mundo de forma mais sofisticada. Os jovens também devem aprender a se “especializar”, isto é, podem investigar mais profundamente pelo menos uma tradição desconhecida adquirindo, assim, ferramentas que poderão ser usadas posteriormente em outra situação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do tema transversal ética, buscou-se debater a cultura afro-peruana, a violência de gênero e o racismo retratado na história de três mulheres no Peru. Para tanto, os gêneros textuais promovidos foram humor gráfico, anúncio de emprego e campanhas de conscientização contra o racismo, além da reflexão de expressões idiomáticas que reproduzem conotações negativas em relação a um grupo étnico-racial em termos como “suerte negra”, “tener la negra”, “un día negro”, etc.

Também sob o tema transversal ética, problematizou-se o machismo por meio da leitura e análise do conto *A pequena sereia* (*La sirenita*), de autoria do dinamarquês Hans Christian Andersen e, na versão de Walt Disney, em que se colocou ênfase sobre o papel da bruxa, personagem feminino recorrente em vários contos de fadas e as renúncias que a mulher/sereia muitas vezes se submete em busca de um príncipe. Neste mesmo plano de aula foi proposto um vídeo sobre a Lei Micaela, aprovada na Argentina em 2019, que estabelece a obrigatoriedade de capacitação em gênero e violência de gênero para todas as pessoas que desempenham funções públicas e, ainda, foram examinadas frases sexistas que

minimizam as mulheres como “Ese trabajo es de hombres”; “Siempre ayudo con las tareas del hogar” e “Puedes casarte ahora”, através de uma campanha do governo mexicano (#FraseSexista).

Percebe-se, então, que os temas apresentados, assim como os distintos gêneros textuais autênticos levados na aula de língua estrangeira permitem a abertura de um rol de questionamentos na vida que se vive, isto é, auxiliam os estudantes a compreender-se como cidadãos e a situar-se dentro e a partir da realidade que os cerca não somente como sujeitos que fazem parte de um grupo, região ou nação, mas também como seres que se encontram relacionados a diferentes laços de interesse e de identificação em uma sociedade global.

CONCLUSÃO

Como forma de cultivar a humanidade no mundo atual, Nussbaum (2016) defende a necessidade do desenvolvimento de três pilares para o exercício da cidadania democrática: o exame/pensamento crítico, a cidadania global e o desenvolvimento da imaginação narrativa. Dessa maneira, a língua estrangeira, no espaço escolar, pode oportunizar o debate de assuntos de importância pública que ocorrem no Brasil e nos países falantes de outro idioma e estimular os alunos a pensar e a argumentar por si próprios; permite perceber-se como membro de uma nação e de um mundo heterogêneo, ultrapassando estereótipos culturais, étnico-raciais e de gênero, por exemplo, na tarefa de ensinar a ser um cidadão global e estimula e aprimora o olhar não apenas pelo conhecimento factual e lógico, mas também pela literatura e pelas artes.

Portanto, ressalta-se que o temas, os gêneros discursivos e as atividades sociais desenvolvidas em sala de aula, junto a conteúdos léxico-gramaticais contextualizados, fomentaram o contato dos estudantes com o estudo linguístico e de formas de vida diferentes, muitas vezes, estranhas à sua própria cultura, para a construção de uma cidadania democrática de valores éticos e de respeito e reconhecimento do outro, uma vez que para compreender nosso próprio país é imprescindível distanciar-se de um olhar provinciano, com a cabeça enterrada na areia, e situar-se como cidadão em um contexto global.

REFERÊNCIAS

ANDRADE E SILVA, Mariana Kuntz de. **Textos autênticos, adaptados e semi-autênticos no ensino de alemão como língua estrangeira: reflexões sob a perspectiva da pedagogia pós-método e da aprendizagem como participação.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.166. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Atividade social como base para o ensino de língua estrangeira. In: CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Coord.); LIBERALI, Fernanda Coelho (Org.). **A reflexão e a prática no ensino: Inglês.** São Paulo: Blucher, 2012, v. 2, p. 21-35.

MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas: Pontes. 2013, p. 31-50.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

OLIVEIRA, Wesley Felipe de. A educação em humanidades no contexto da Teoria das Capacidades de Martha Nussbaum. **Kínesis**, Vol. XII, nº 33, dezembro 2020, p.213-247.